

A VOZ DO TRABALHADOR E A ARTICULAÇÃO DO MOVIMENTO OPERÁRIO BRASILEIRO (1908-1915)

Maurício Moroso Knevit¹

O período compreendido pela Primeira República Brasileira (1889-1930) foi marcado por uma ampla gama de manifestações culturais e associativas do movimento operário. De acordo com o historiador Claudio Batalha, a imprensa operária se conformou enquanto a “expressão mais visível da cultura operária nesse período” (2000, p. 63), constituindo o principal instrumento de propaganda e debate do movimento operário. A importância da imprensa foi reconhecida já no Primeiro Congresso Operário Brasileiro, realizado em 1906. O Congresso, que lançou as bases de acordo da futura Confederação Operária Brasileira (COB), estabeleceu que a organização deveria se encarregar de “estudar e propagar os meios de emancipação do proletariado e defender em público as reivindicações econômicas em todos os meios de propaganda conhecidos, nomeadamente através de um jornal que se intitulará *A Voz do Trabalhador*” (PINHEIRO; HALL, 1979, p. 42).

Embora o Congresso tivesse estabelecido que a COB iniciaria suas atividades já em junho de 1906, a Confederação só conseguiu se estabelecer de maneira efetiva em março de 1908 e, em julho do mesmo ano, iniciou a publicação do jornal *A Voz do Trabalhador*. Durante sua primeira fase, que vai até 1909, a COB e o seu periódico são marcados por uma existência bastante precária. *A Voz do Trabalhador* terá uma periodicidade bastante irregular, passando por diversas dificuldades financeiras e chegando a ficar até três meses sem ser publicado. Além disso, durante essa primeira fase, o jornal contará quase que somente com colaboradores e correspondentes do Rio de Janeiro, de modo que seu foco será voltado quase que exclusivamente ao movimento operário carioca. Isso acabou gerando críticas por parte da União dos Sindicatos de São Paulo, uma vez que, sendo o órgão da Confederação, *A Voz do Trabalhador* deveria trazer informações sobre o movimento operário de outros estados brasileiros. Manoel Moscoso, responsável pela redação do jornal, considerou as críticas corretas, porém queixou-se de que as associações de outros estados não enviavam correspondências e nem colaboravam com o jornal. Além de Moscoso, também contribuíram significativamente com o jornal em sua primeira fase os militantes Amaro de Matos, Joaquim de Matos, José Martins,

1 Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em História da PUCRS, bolsista do CNPq.

Manoel Domingues, Mota Assunção, Neno Vasco e Rozendo dos Santos – todos anarquistas. À exceção de Amaro de Matos, estabelecido em Campos, interior do Rio de Janeiro e Neno Vasco, à época em São Paulo, todos escreviam da cidade do Rio.

Além de notícias sobre o movimento operário carioca e denúncias sobre as condições de trabalho, bastante atenção foi dada ao tema do antimilitarismo – em razão de uma propalada guerra contra a Argentina, em 1909 – e à campanha de protesto agitada após a execução do educador espanhol Francisco Ferrer. Entre 1908 e 1909, *A Voz do Trabalhador* teve 21 números editados. De maneira geral, as dificuldades encontradas pelo jornal foram as mesmas encontradas pela COB: desarticulação do movimento operário, dívidas não pagas por associações filiadas, associações inativas e falta de quadros. Com a desarticulação da COB em 1909, *A Voz do Trabalhador* deixa de ser publicado.

A COB será rearticulada em 1912, em resposta às tentativas dos reformistas de organizar uma Confederação Brasileira do Trabalho e um Partido Operário, ambos baseados nos pressupostos cooperativistas. Já em janeiro de 1913, *A Voz do Trabalhador* volta a circular e terá um papel fundamental na organização do Segundo Congresso Operário Brasileiro, servindo como um canal de articulação entre a militância operária de diferentes estados. Dessa vez, o jornal contará com a colaboração de lideranças de todo o país e dará conta de uma cobertura maior do movimento operário nacional, além de contar também com uma periodicidade mais regular: em geral, os números do jornal sairão quinzenalmente. Entre os principais colaboradores dessa segunda fase, constam os militantes Astrojildo Pereirda, José Elias da Silva e Rozendo dos Santos, do Rio de Janeiro; Edgard Leuenroth e Zeferino Oliva, de São Paulo; João Crispim, Fernandes Casal e Ricardo Fontanela, de Santos; Joaquim Florencio, de Pernambuco; Honoré Cémeli, de Alagoas; Cecílio Vilar e Zenon de Almeida, do Rio Grande do Sul; e Neno Vasco, colaborando desde Portugal. Elvira Fernandes se destaca como a única mulher entre os principais colaboradores do jornal, com três artigos publicados.

Nesse período, o jornal também terá uma tiragem mais expressiva, chegando aos 4.000 exemplares por número até o final de sua publicação, em 1915. Em sua segunda fase, *A Voz do Trabalhador* contou com 47 números publicados. Apesar de editado e distribuído majoritariamente no Rio, os balancetes publicados no jornal mostram que *A Voz do Trabalhador* teve uma distribuição considerável a nível nacional e podia ser encontrado nas sedes das associações aderidas à COB, em centros operários e bibliotecas.

No entanto, mesmo em sua segunda fase o jornal não superou suas dificuldades financeiras. Para tentar solucionar o problema, os editores frequentemente buscaram subscrições voluntárias e organizaram festas e campanhas de arrecadação em prol do *A Voz do Trabalhador*.

Em ambas as fases, o jornal foi palco de importantes debates estratégicos e doutrinários. O embate teórico mais importante ocorreu já na segunda fase, sendo protagonizado por João Crispim e Neno Vasco entre 1913 e 1914. Crispim, militante da Federação Operária Local de Santos (FOLS), defendia uma posição anarcossindicalista: para ele, o sindicato deveria ter um vínculo explícito e direto com a ideologia anarquista, a fim de evitar qualquer traço de reformismo. Neno Vasco, por outro lado, defendia a neutralidade política dos sindicatos, conforme os princípios do sindicalismo revolucionário, como um meio para possibilitar a organização de um número maior de trabalhadores. Além disso, para ele, o anarquismo não poderia ser imposto – do contrário, não seria anarquismo. Esse debate foi transposto das páginas do *A Voz do Trabalhador* para o Segundo Congresso Operário Brasileiro, em 1913, tomando boa parte de suas primeiras sessões. A posição de Neno Vasco saiu fortalecida, com a confirmação da neutralidade sindical aprovada já no Primeiro Congresso Operário, em 1906, mas o debate continuou nas páginas do periódico da COB.

Também percebemos constantes esforços por parte do jornal no sentido de consolidar uma cultura e uma identidade operária, através de artigos afirmando o caráter combativo do Primeiro de Maio e indicações de leitura, por exemplo. A redação do *A Voz do Trabalhador* era composta basicamente por militantes anarquistas, muitos dos quais editavam também o jornal *A Guerra Social*. Desse modo, percebemos um discurso mais radical do que aquele exposto nas resoluções dos Congressos Operários de 1906 e 1913, ainda que haja um espaço reduzido para opiniões de militantes de outras tendências ideológicas. A justificativa dada era uma resolução aprovada no Segundo Congresso Operário, que recomendava a “ampla exposição e discussão de todas as ideias” (PINHEIRO; HALL, 1979, p. 189) nos meios operários. No entanto, valendo-se também dessa justificativa, os anarquistas que editavam o jornal sentiam-se à vontade para rebater os argumentos utilizados por militantes não-anarquistas.

Apesar de suas limitações, *A Voz do Trabalhador* foi um instrumento importante para a articulação do movimento operário brasileiro, possibilitando, pela primeira vez, uma troca de informações e um espaço de debate a nível nacional, especialmente em sua segunda fase. A atuação do jornal foi fundamental na organização do Segundo Congresso

Operário Brasileiro e suas páginas pautaram debates importantes para o movimento operário daquele período. Desse modo, *A Voz do Trabalhador* se constitui enquanto uma fonte fundamental para compreender o movimento operário da Primeira República, trazendo uma série de informações sobre agitações trabalhistas, greves, protestos, condições de trabalho e trazendo à tona os principais debates em torno das questões que se colocavam frente à militância operária daquele período.

FONTES

A VOZ DO TRABALHADOR, Rio de Janeiro, 1908-1909; 1913-1915.

REFERÊNCIAS

BATALHA, Claudio. **O Movimento Operário na Primeira República**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

_____. A Confederação Operária Brasileira e sua militância. In: MARQUES, Antônio José & STAMPA, Inez Teresinha. **Arquivos e direito à memória e à verdade no mundo dos trabalhadores**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional; São Paulo: Central Única dos Trabalhadores, 2013. pp. 71-90.

FERREIRA, Maria Nazareth. **Imprensa operária no Brasil**. São Paulo: Editora Ática, 1988.

OLIVEIRA, Tiago Bernardon. Anarquismo, sindicatos e revolução no Brasil (1906-1936). Tese (Doutorado em História). Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2009.

PETERSEN, Sílvia Regina Ferraz. A circulação da imprensa operária brasileira no final do século XIX e primeiras décadas do XX. In: QUEIRÓS, César Augusto Bulboz & ARAVANIS, Evangelia (org.). **Cultura operária: trabalho e resistências**. Brasília: Ex Libris, 2010.

PINHEIRO, Paulo Sérgio; HALL, Michael. **A Classe Operária no Brasil: Documentos (1889 a 1930)**. Vol. I – O Movimento Operário. São Paulo: Alfa Omega, 1979.